

QUESTÕES E GABARITOS OEHSE

Primeira Fase

Questão 1

Documento 01

Música

Sergipe, cajueiro em flor, esse é o meu lugar
(...) “Sou sergipano, oxente! O que é que há?
Desse lugar não quero mais sair
Caranguejo, água de coco
Praia, sol e mar

Estância, num barco de fogo eu vou navegar
A grotta do Angico tem histórias pra contar
Vou dar um pulo em Pirambu até o Projeto Tamar
No Brejo Grande o Velho Chico deságua no mar
Na Serra da Miaba eu vou subir pra me banhar
Forró Caju, Siri, Capela, Areia Branca é tradição
Mangue Seco, Abaís, Caueira e Parque dos Falcões
Sergipe, você nunca sai do meu coração” (...)

Título: Sergipe, o Meu Lugar

Tipo: Música

Origem: Álbum Coletânea de Forró, 2021

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete: Luiz Fontenele

Créditos

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete: Luiz Fontenele

Fonte: <https://www.cifraclub.com.br/luiz-fontineli/sergipe-o-meu-lugar/>

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Documento 02

Música

(...) “Sergipe é bonito e tem riqueza e pequeno e tem
Beleza para todo mundo ver
Sergipe tem também os seus valores tem poetas
escritores seresteiros do amor
Seu folclore é divino e lendário no ano do seu
Calendário não tem dia sem calor

Por isso que eu exalto minha terra que também
lutou na guerra empunhou o seu fuzil

Seus filhos regressaram com a glória seu nome
está na história em defesa do Brasil

Sergipe tem cidades tão lendárias tem o rio São
Francisco tem a praia de Atalaia
E para orgulho do seu povo tão gentil é uma fonte
de petróleo, esperança do Brasil” (...)

Título: Aquarela de Sergipe

Tipo: Música

Origem: Álbum Aliança Devolvida, 1978

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Créditos

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/jose-augusto-sergipano/album:82943:12/#album:alianca-devolvida-1978>

Documento 03

Música

(...) “Dizem que Sergipe é o país do forró
Mas se pensar um pouquinho é um lugar muito melhor
Aqui não tem só São João, tem a lavagem de Socorro
O Lambe-Sujo em Laranjeiras e uma feira em São Cristóvão

Agora eu vou provar que tamanho não é documento
Preste atenção no que eu lhe falo pois tem muito fundamento
Tem a Barra dos Coqueiros
Tem Estância e Lagarto, Itabaiana e Boquim
Sem esquecer de Maruim
Sergipe não cabe em si
Sergipe é grande sim
É um estado de espírito
Onde o mar é mais bonito
Onde o céu é infinito

Aqui é um paraíso
É um ninho bem quente
Aqui é o nosso lar
É onde está a gente” (...)

Título: Sergipe não Cabe em Si

Tipo: Música

Origem: Álbum: Uma Odisseia no meu Espaço, 2010

Compositor: Igor Mangueira

Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan
Créditos: Igor Mangueira
Compositor: Igor Mangueira
Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan
Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.
Fonte: <https://www.letras.mus.br/igor-mangueira/1127788/>

Leia a letra e ouça as canções.

- a) Os autores dessas canções transformaram as cidades sergipanas em destinos turísticos, já que brasileiros e estrangeiros após escutarem essas músicas despertam o desejo em visitar Sergipe.
- b) As músicas reforçam o orgulho sergipano e a ideia de que Sergipe é "grande" em espírito, mesmo sendo o menor estado do Brasil. Esse orgulho está relacionado à diversidade cultural, à preservação das tradições e ao sentimento de pertencimento, ressaltado nas frases "Sergipe é grande sim" e "Aqui é o nosso lar".
- c) As três composições acima destacadas foram elaboradas por compositores diferentes em contextos históricos distintos. Porém, todas ressaltam o sentimento de pertencimento que seus autores têm por Sergipe. As representações das sergipanidades dos três autores estão pautadas na diversidade natural e cultural do estado de Sergipe.
- d) As letras mencionam Sergipe como um lugar acolhedor, tanto para quem é da capital (Aracaju), quanto para quem vem de fora, seja do norte, do sul ou até do exterior. Essa visão de Sergipe como um espaço de acolhimento reflete a hospitalidade do povo sergipano.

Comentário da questão

As canções proporcionaram uma viagem pelos mais variados municípios sergipanos. Foi possível explorar diversas habilidades. Os estudantes desbravaram ao som das três canções um Sergipe que muitos desconheciam e se auto identificaram com a exposição das representações sergipanas a cada música apresentada.

A música tem sido e deve ser utilizada na prática pedagógica, inclusive do ensino de História. No caso em questão, as canções podem ser exploradas por professores de outros componentes curriculares, Ensino Religioso, Arte, Geografia, Ciências, Redação, Língua Portuguesa, e em qualquer outro componente curricular, da Educação Básica, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

As referidas canções podem fazer parte da prática pedagógica, sendo que no mês da Sergipanidade(s) tornam-se recursos relevantes para o desenvolvimento de variados projetos da referida temática. Através delas é possível estimular a curiosidade dos estudantes, levando-os a explorar cada manifestação cultural, cada paisagem, cada nome citado que se refere a nossa culinária, e demais, aspectos históricos, sociais, ambientais, econômicos, e muitos outros elementos apresentados pelos compositores ao tratarem dos mais variados municípios sergipanos.

A questão apresentou a possibilidade de se pensar Sergipe com base em três canções. Como pode ser observado nas fontes apresentadas de cada música, elas foram produzidas em contextos históricos diversos, através das quais cada compositor destacou o que na sua visão Sergipe apresentava/apresenta de melhor.

Desse modo, mesmo sendo produzidas por pessoas diferentes e em décadas distintas, elas apresentam semelhanças concernentes ao sentimento de pertencimento de cada compositor e a utilização das paisagens naturais, bem como dos aspectos culturais, utilizados pelos autores para exaltar Sergipe, o que hoje compreende-se por representações da sergipanidade(s).

Assim, compreende-se que através das músicas identificamos as representações das sergipanidades.

Profa. Dra. Tatiane Oliveira da Cunha
Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela (Aracaju/SE)
e Colégio Municipal Josué Passos (Ribeirópolis/SE).

Questão 2

Documento 1

Fotografia



Título: Defesas costeiras dos revoltosos

Tipo de documento

Fotografia

Origem

O Globo. Disponível em: <https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2024/07/a-revolta-de-13-de-julho-os-seus.html?m=1>. Acesso em 07 set. 2024.

Créditos

Blog Educação, História e Política.

Palavras-chave: História política. Tenentismo. Sergipe.

Documento 2

Texto acadêmico

O dia da semana destinava-se ao descanso, já que a maior parte das pessoas não trabalhava. Aproveitavam então para ir à igreja, passear pela cidade ou visitar conhecidos. Mas esse domingo começou diferente. Começou com tiroteios. A diversão do dia de folga estava comprometida. Amedrontadas, muitas pessoas não saíram para os habituais passeios pelas praças do centro da cidade. Sem nenhuma informação oficial, a população foi perguntando aqui e ali e, aos poucos, ia se informando sobre os disparos da madrugada. Cada um sabia um pedaço da história. Entretanto, todas as versões contadas mencionavam que a confusão teve início no quartel do Exército.

De fato, durante a madrugada, o capitão Eurípedes Esteves de Lima, o 1º tenente Augusto Maynard Gomes, o 1º tenente João Soarino de Mello e o 2º tenente Manoel Messias de Mendonça, oficiais do 28º Batalhão de Caçadores (28º BC)², revoltaram a unidade do Exército presente em Sergipe. Tropas lideradas pelos revoltosos ocuparam os quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo, as estações dos Telégrafos e da Companhia Ferroviária. Entre os moradores da cidade muita incerteza, já para os responsáveis pelos poderes legais constituídos não restava dúvida alguma: os oficiais sergipanos estavam loucos!

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A caserna em polvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 13.

Documento 3

Texto acadêmico

Era noite de 12 de julho. Cerca de 22 horas, a Soarino, oficial do dia, vieram se juntar Eurípedes e Maynard para dar início às operações. Residia no Quartel o segundo-tenente Manoel Messias de Mendonça, intendente do Batalhão e responsável pelo depósito de munições. Ainda sem conhecimento do plano, ao chegar ao Quartel abordaram-no. Surpreendido, ele hesitou, mas diante da insistência dos colegas aderiu ao movimento. Comunicaram aos sargentos, os quais foram acordando paulatinamente os soldados e armando-os. (...)

O povo acordou assustado. Gritos de socorro misturados com os estampidos ecoavam longe. E o tiroteio continuava. Inicialmente pensou-se que seria explosão na Usina Elétrica. Mas o sibilo das balas foi afastando as dúvidas. Era o Exército contra o governo.

DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930**. 3.ed. – Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 101.

A partir dos documentos é correto afirmar que, naquele período

- a) A insatisfação de setores intermediários do Exército com o regime oligárquico e a administração pública do governo Graccho Cardoso foi um dos fatores que levou à revolta tenentista em Sergipe.
- b) O movimento tenentista pretendia evitar que o 28º Batalhão de Caçadores embarcasse para combater a revolta tenentista em São Paulo.

c) O movimento tenentista reivindicava melhores condições de trabalho para as camadas mais subalternas do Exército.

d) A oposição dos militares às práticas coronelistas e à corrupção das oligarquias regionais foi um dos fatores responsáveis pela eclosão do movimento tenentista no estado.

Comentário da questão

O Tenentismo no Brasil foi um movimento protagonizado por jovens oficiais do Exército Brasileiro, descontentes com a corrupção e a centralização política da Primeira República (1889-1930). Período também conhecido como República Velha ou do café com leite. Com uma visão nacionalista e crítica às oligarquias regionais, nesse período, esses militares defendem reformas políticas e sociais para modernizar o país e tornar o governo mais justo e democrático. As revoltas tenentistas, que começaram em 1922 com a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana e apoiaram em 1924 em São Paulo e outros estados, foram tentativas de manifestar esses ideais e mobilizar a população contra o governo federal.

Em Sergipe, o movimento tenentista ganhou força na Revolta de 1924, envolvendo oficiais do 28º Batalhão de Caçadores. Os relatos dos textos de Andreza Santos Cruz Maynard e José Ibarê Costa Dantas descrevem o clima tenso e inesperado que tomou conta da população, que acordou assustada com o som de tiros e rumores de um levante militar. Liderado pelo capitão Eurípedes Esteves de Lima e tenentes como Augusto Maynard Gomes e João Soarino de Mello, o movimento sergipano refletiu o desejo de contestar o poder político local, vinculado às oligarquias e ao governo federal. Durante uma revolta, as tropas tomaram pontos estratégicos de Aracaju, como os quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo e as estações de telégrafos e ferrovias.

A ocorrência da população, amedrontada e desinformada sobre os acontecimentos, demonstra como essas ações foram percebidas como uma ameaça à ordem cotidiana. Esse episódio em Sergipe mostra que o Tenentismo, mesmo sendo um movimento minoritário dentro do Exército, conseguiu abalar as oligarquias vigentes e representar um clamor por mudanças. Embora esses levantes tenham sido controlados, o Tenentismo contribuiu para a formação de um novo cenário político, que culminou na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder, alterando os rumos da política brasileira.

Assunto e pertinência: O tema é o Tenentismo em Sergipe, com foco na Revolta de 1924, quando militares locais se revoltaram contra o poder político central. Esse tema é importante para entender as propostas sociais e políticas do Brasil na Primeira República e a participação de Sergipe nesses movimentos.

Possibilidades de trabalho em sala: Debate sobre causas e impactos do Tenentismo e Leitura e interpretação de textos históricos. Além de uso de mapas para identificar locais em Sergipe que são nomeados com personagens ativos no movimento tenentista, a exemplo do bairro Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

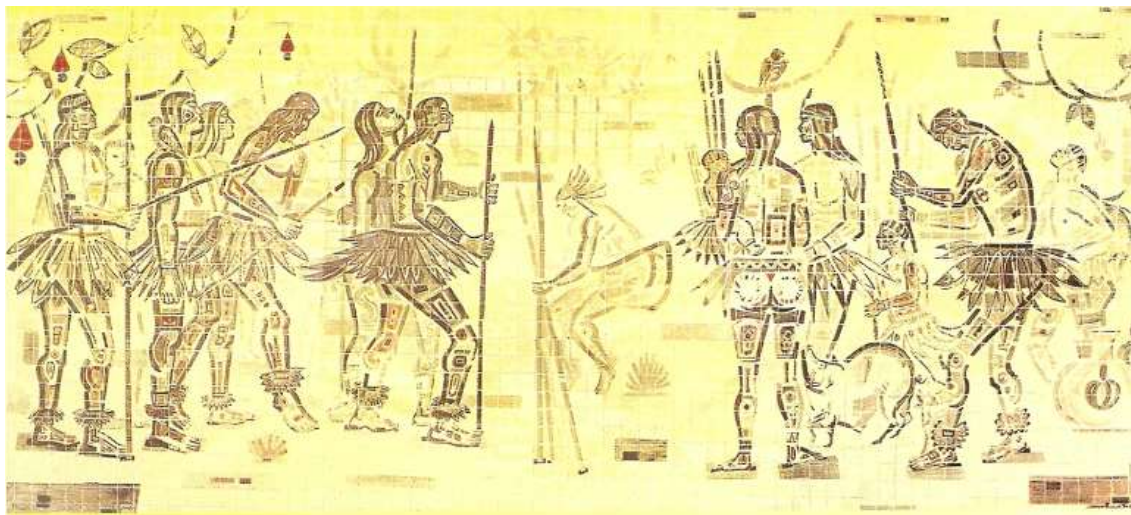
Contribuições para a aprendizagem: Compreensão do contexto histórico brasileiro e sergipano, valorização da história local e seu papel no cenário nacional.

**Elaine Santos Andrade
Centro de Educação Profissional Governador Seixas Dória**

Questão 3

Documento 01

Mural



Título: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”

Autor: Jenner Augusto, 1961.

Tipo de Documento: Mural

Palavras-chave: Mural. Povos Originários. Sergipe.

Crédito: Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, Inácio Barbosa, Aracaju-SE.

Documento 2

https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJjxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail

Título: Povos Originários

Produção: Lamparina

Origem: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023, Colorido. 3 min.

Imagens: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”, Jenner Augusto, 1961

Música: Comunidade Xocó

Créditos: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa

Sobre os documentos

a) O painel de Jenner Augusto apresenta as comunidades indígenas através de suas vestimentas e pinturas corporais, destacando a diversidade das etnias que habitaram Sergipe, como os Boimé e os Tupinambá. Esses elementos visuais reforçam a importância da preservação da memória dessas comunidades na cultura sergipana.

b) O vídeo "Povos Originários" foi produzido a partir do painel de Jenner Augusto (1961), que se encontra na Energisa, em Aracaju, e conta também com a música da Comunidade Xocó. Nele, estão presentes as comunidades indígenas que habitam e habitaram o

território sergipano. O vídeo foi produzido a partir da animação das figuras representadas pelo artista. No painel, é possível distinguir as comunidades através do vestuário e da pintura corporal.

c) A documentação histórica e o apoio de organizações como a FUNAI e o CIMI foram essenciais para que os Xocó e outras etnias, como os Kiriri, reivindicassem seus direitos territoriais, muitas vezes contestados por fazendeiros locais. Essa luta é parte fundamental da trajetória dos povos indígenas em Sergipe.

d) A obra de Jenner Augusto e os estudos de Beatriz Góis Dantas destacam a presença histórica dos povos indígenas em Sergipe e a importância de suas tradições culturais, como a cerâmica e os rituais religiosos. Os Xocó, por exemplo, preservam práticas culturais ligadas ao Rio São Francisco, essenciais para sua identidade, apesar das ameaças contínuas à sua existência.

Comentário da questão

A questão é bastante relevante para o conhecimento e valorização da diversidade dos povos indígenas que habitam e habitaram o território sergipano. Ela está de acordo com o que preconiza a lei 11.645/08 que traz a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos originários.

Com base no vídeo e no mural é possível fazer uma reflexão sobre perda de território, identidade, etnocídio e apagamento desses povos na história que é eurocêntrica.

É cabível também abordar temas transversais, como a educação para a diversidade, direitos humanos, e o respeito às culturas e etnias, que são importantes para a formação de uma consciência crítica sobre as questões indígenas e suas lutas por direitos.

A questão, portanto, pode incentivar os alunos a refletirem sobre a importância do respeito aos direitos dos povos indígenas e como essas populações contribuem para a riqueza cultural e ambiental do Brasil, além de promover o entendimento das lutas atuais por território, reconhecimento e justiça social.

**Profa. Ana Carla de Jesus
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz/Colégio Salesiano N. Sra. Auxiliadora
Profa. Maria Cleide Leite Andrade Calderaro
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz**

Questão 4

Documento 01 Texto acadêmico

A pesca Artesanal no São Francisco também foi marcada por outros tipos de canoa. Essa atividade remonta ao processo de ocupação dos sertões de Sergipe e de Alagoas, pois as características naturais do sertão moldaram o processo de ocupação do território, gerando dificuldades para os fluxos migratórios principalmente de grupos menos favorecidos. Como aborda Abreu (1954. p. 217/218), “os primeiros ocupadores do

sertão passaram a vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos”, sendo, portanto, a navegação e a pesca artesanal um elemento vital para nutrir essas primeiras povoações.

De forma muito simples, os pescadores artesanais existentes no Baixo São Francisco formam um contingente de trabalhadores que são definidos como:

Aquele que na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas, trabalha sozinho e/ou utiliza mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos limitados através de técnicas de reduzido rendimento relativo e que destina sua produção, total ou parcial, para o mercado (DIEGUES 1973, p. 111).

O pescador, o barqueiro e o mestre canoeiro reproduzem no dia a dia as histórias que formam a identificação, o reconhecimento e identidade, sendo vitais para a noção de pertencimento e fixação na bacia hidrográfica.

O rio São Francisco, fonte de riquezas e potencialidades, é a base para sustentação de diversas comunidades tradicionais. A pesca é uma das mais antigas atividades econômicas da bacia, sendo destacada por Valêncio et al. (2003, p. 423) como “uma das atividades mais clássicas de trabalho no rio São Francisco, havendo milhares de famílias ribeirinhas que se dedicam a essa ocupação, por vezes há mais de uma geração”.

A pesca artesanal se realiza exclusivamente pelo trabalho braçal do (a) pescador (a). Nela, a participação do homem se dá em todas as etapas. O art. 4º da Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, define como pesca artesanal “todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”.

Com as transformações derivadas do desmatamento, construção de barragens, assoreamento, redução da vazão, entre outros, a quantidade de pescados diminuiu. Essa situação reduz o poder econômico dos pescadores e intensifica a pobreza no sertão principalmente do Estado de Sergipe. Outro elemento de destaque no Baixo São Francisco é o mestre canoeiro, assim denominado pelo seu conhecimento, que desperta respeito e admiração nas comunidades ribeirinhas:

O mestre é praticamente uma instituição, pois armazena em si um patrimônio societário. Ele é responsável pela prévia ideação da arte, o planejamento de todas as etapas, a organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra. Elementos que devem ser sempre divididos com os demais trabalhadores de sua oficina (RAMALHO, 2009. p. 268).

O principal fruto do trabalho dos mestres canoeiros no Baixo São Francisco recebe o nome de canoa Tolda ou canoa Sergipana, marco da mistura entre as culturas europeia e indígena, elementos que contribuíram para a formação das tradições e representações desse trecho do rio.

Cada indivíduo possui um marco de conexão com o espaço e o coletivo, sobre essa relação Halbwachs (2013, p. 160) aborda que a partir do momento em que o grupo social se encontra imerso no espaço, ele passa então a moldá-lo, introduzindo nesse espaço suas concepções, valores e influência “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade”.

Os povos que vivem nas margens do rio São Francisco, tradicionais ou não, estão entrelaçados com as experiências e conhecimentos construídos ao longo das suas vivências com as dinâmicas naturais. Sobre essas relações:

Esses povos possuem vínculo sólido e profundo com o Rio São Francisco, a vegetação, a lua, o sol e a terra. A natureza, além de essencial à vida, pois é do seu uso que se obtém o sustento, define

formas de sociabilidade e lhes confere identidade e diversidade cultural. Essas comunidades abrigam e dão suporte para a vivência das múltiplas tradições e manifestações culturais da região. Assim como as águas se misturam nesse universo hídrico, as identidades se mesclam e se delimitam, sendo possível encontrar, por exemplo, comunidades quilombolas e vazanteiras ao mesmo tempo (MINAS GERAIS, 2015, p. 35 e 36).

Dentre as inúmeras memórias transmitidas pela oralidade e que possuem forte ligação com a navegação estão a do Caboclo d'água, a do Bicho d'água, a Mãe d'água, a do violeiro e a do Minhocão ou Surubim-Rei, que segundo Costa:

Em diversas ocasiões, sem que ninguém esperasse, o barco que deslizava mansamente de um canto a outro do rio, recebia uma tremenda pancada e naufragava imediatamente, indo para o fundo das águas; tudo ocasionado pelo furor homicida da tão temida cobra. Era o Minhocão com a força do seu rabo destruindo e naufragando as embarcações que por ele eram perseguidas (COSTA, 2006, no prelo).

Outra grande referência popular para os navegantes do rio está na imagem de Bom Jesus dos Navegantes, santo cultuado no catolicismo, especialmente pelos povos das margens dos rios do nordeste.

A dependência em relação ao rio constrói as bases das relações existentes entre os ribeirinhos, assim sendo:

As cidades e comunidades que margeiam o São Francisco têm o rio como principal fonte de construção de suas estruturas sociais, econômicas e culturais. O rio exerce influência física e simbólica nas práticas cotidianas de seus habitantes. Suas referências são inúmeras e complexas e podem variar entre diversas formas de expressão, ofícios, práticas cotidianas e paisagens culturais (MINAS GERAIS, 2015, p. 55).

Os ribeirinhos, vazanteiros, quilombolas e os demais grupos com suas identidades e memórias são identificados como povos tradicionais que segundo a Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto Nº 6.040, art. 3º, § 1º) podem ser definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

As comunidades tradicionais alicerçam suas bases de identificação com bases nas memórias coletivas do grupo, do passado ao presente, tendo destaque nessa rede de informações a oralidade. As histórias dos naufrágios, competições de pinturas e velocidade entre canoas, festas de Bom Jesus dos Navegantes, viagens da Tupã, Tupi e Tupig conectam esses ribeirinhos ao rio São Francisco.

Levando em consideração as potencialidades e riquezas da bacia hidrográfica do rio São Francisco tanto físicas como antropossociológicas deve-se destacar a importância de uma gestão de recursos naturais e sociais descentralizada e efetivamente participativa para contemplar os diversos interesses e objetivos.

Tipo de documento: Texto acadêmico

Origem: ARAUJO, Adriano Moraes. Baixo São Francisco: navegação, pesca e seus (des)dobramentos. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17175> Acesso em 01 de ago. 2024.

Créditos: Adriano Morais Araújo

Palavras-chave: Pesca artesanal. Comunidades tradicionais. Rio São Francisco.

Documento 2

Fotografia

Canoa de Tolda sergipana



Título: Canoa de Tolda sergipana

Tipo de documento: Fotografia

Origem: Acervo fotográfico de Adriano Morais Araújo. Dezembro de 2018.

Créditos: Adriano Morais Araújo

Palavras-chave: Canoa. São Francisco.

Documento 3

Fotografia

Mestre Cornélio



Título: Mestre Cornélio

Tipo de documento: Fotografia

Origem: Acervo fotográfico de Adriano Morais Araújo. Dezembro de 2018.

Créditos: Adriano Morais Araújo

Palavras-chave: Canoa. Mestre.

O conhecimento de indivíduos como o Mestre Cornélio

- a) Reflete um bem material, já que o produto final de seu trabalho, como a Canoa de Tolda, é um objeto tangível que pode ser fotografado e exposto.
- b) Envolve saberes tradicionais transmitidos ao longo de gerações, como o planejamento de todas as etapas da construção da canoa e a organização do trabalho, pois o mestre é responsável por todas as etapas, pela organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra.
- c) Representa a continuidade das tradições culturais e da identidade da comunidade do Baixo São Francisco, sendo essencial preservar esse saber-fazer para garantir que práticas culturais vitais não sejam perdidas.
- d) Combina elementos visíveis e invisíveis, já que, além da Canoa de Tolda, há o conhecimento transmitido e valorizado por gerações, que reflete tanto a prática quanto a cultura do ofício.

Comentário da questão

A abordagem apresentada explora a cultura das comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco em Sergipe e a valorização do seu patrimônio cultural, destacando o papel dos canoeiros como artistas, guardiões de saberes e protagonistas da história local.

Levanta-se elementos importantes para a discussão sobre as comunidades tradicionais, a princípio o seu modo de organização e a economia de subsistência, como a importância socioeconômica dos saberes e fazeres da pesca artesanal.

A temática nos direciona a compreensão do protagonismo de um grupo pouco ou nunca visto em sala de aula, mas que são indispensáveis para a construção da consciência acerca da história do estado e da gente sergipana.

Em sala de aula, existe um potencial para o trabalho interdisciplinar, envolvendo a geografia, arte, história e sociologia. Em destaque a prática dos canoeiros, podemos nos voltar para a discussão sobre patrimônio, cultura material e imaterial.

**Prof. Cleones Augusto Santos Correia
Colégio Estadual Fausto Cardoso/Colégio Eduardo Marques de Oliveira
Profa. Franciele Alves Ferreira
Colégio estadual José de Carvalho Déda**

Questão 5

Documento 1 Texto acadêmico

A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 01 de agosto de 2010 e foi condecorada com o selo oficial em 08 de julho de 2011. Para Sergipe ela é o maior patrimônio cultural do Estado. Para São Cristóvão é a possibilidade de ascender economicamente como cidade turística, além de símbolo de identidade cultural e orgulho e o palco das manifestações culturais, religiosas e festivas

da cidade. A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e homogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil. Nela, o visitante tem a impressão de estar integrado num longínquo instante da História, convivendo com as primeiras raízes da nacionalidade. Seja qual for o lado para onde se olhe, verá nas linhas das edificações e na pátina dos beirais, a coloração especial que os tempos idos e vividos já deixaram (FONSECA, 1990, p. 69). Com mais de 400 anos a Praça São Francisco, conforme foto 16, se encontra localizada na parte alta de São Cristóvão. Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da cidade de São Cristóvão. Partiu da iniciativa dos franciscanos que chegaram à cidade por volta do século XVII. (...)

Depois da Igreja São Francisco, foram sendo construídas as demais edificações culturais que circundam a Praça São Francisco até os dias atuais, como a Capela da Ordem Terceira (atual Museu de Arte Sacra), a antiga Santa Casa com a Igreja da Misericórdia e o Palácio dos Governadores (atual Museu Histórico de Sergipe) e o casario que a completa, como já foi comentado, todas essas edificações atualmente estão tombadas IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (SOUTELO, 2007) Para Telles (2007) a importância dessa praça se baseia no grande conjunto arquitetônico que ela abriga, valorizado pelo seu tamanho e amplitude, associada a uma Cruzeiro de calcário, atual Museu de Arte Sacra Igreja de São Francisco Convento de Santa Cruz e Santa Casa de Misericórdia 51 representação sociocultural da comunidade. Além de que esta praça também possui um cruzeiro, comum nos conjuntos franciscanos, constituído por uma cruz de calcário.

Abadia e Barroco (2012) destacam a importância histórico-cultural da praça, por ser o único exemplar no Brasil de um tipo de praça que se enquadra no Ato IX das Ordenações Filipinas, típica da arquitetura e planejamento urbano colonial realizado pelos espanhóis, aplicáveis também aos territórios portugueses durante a União Ibérica. Conforme esse modelo, a praça se encontra localizada no centro principal da cidade, e possui as forças políticas, jurídicas e religiosas, próximas.

Fragata (2007) e Silva Filho (2007) comentam sobre a importância das manifestações culturais religiosas e da religiosidade presente na figura do convento que outrora abrigou a ordem franciscana, os carmelitas e religiosos das tantas irmandades católicas, que sempre organizaram quermesses, sermões, missas campais e procissões, além da participação da Praça São Francisco no cotidiano da cidade por mais de quatro séculos de experiência histórica.

Aragão (2010, p.12) considera que a Praça São Francisco se tornou referencial para cultura dos sergipanos, graças aos “três vértices do triângulo” formado pelo Convento de São Francisco, o Convento do Carmo, Igreja da Matriz, e com a ajuda das demais obras civis, religiosas e, por fim, pelo próprio conjunto urbano. 3.3.1 Processo de tombamento da Praça São Francisco.

Título: Praça São Francisco, Monumento da UNESCO

Tipo de documento: texto acadêmico

Origem: DANTAS, Jennifer Daiane Marques Melo Dantas. Percepção dos moradores da cidade de São Cristóvão/SE sobre a elevação da Praça São Francisco a patrimônio cultural da humanidade. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia)- Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. p.49 - 51. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7434> Acesso: 12/01/2024.

Créditos: Jennifer Daiane Melo Dantas

Documento 2

Fotografia



Título: Praça São Francisco

Tipo de documento: Fotografia

Origem: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/43>

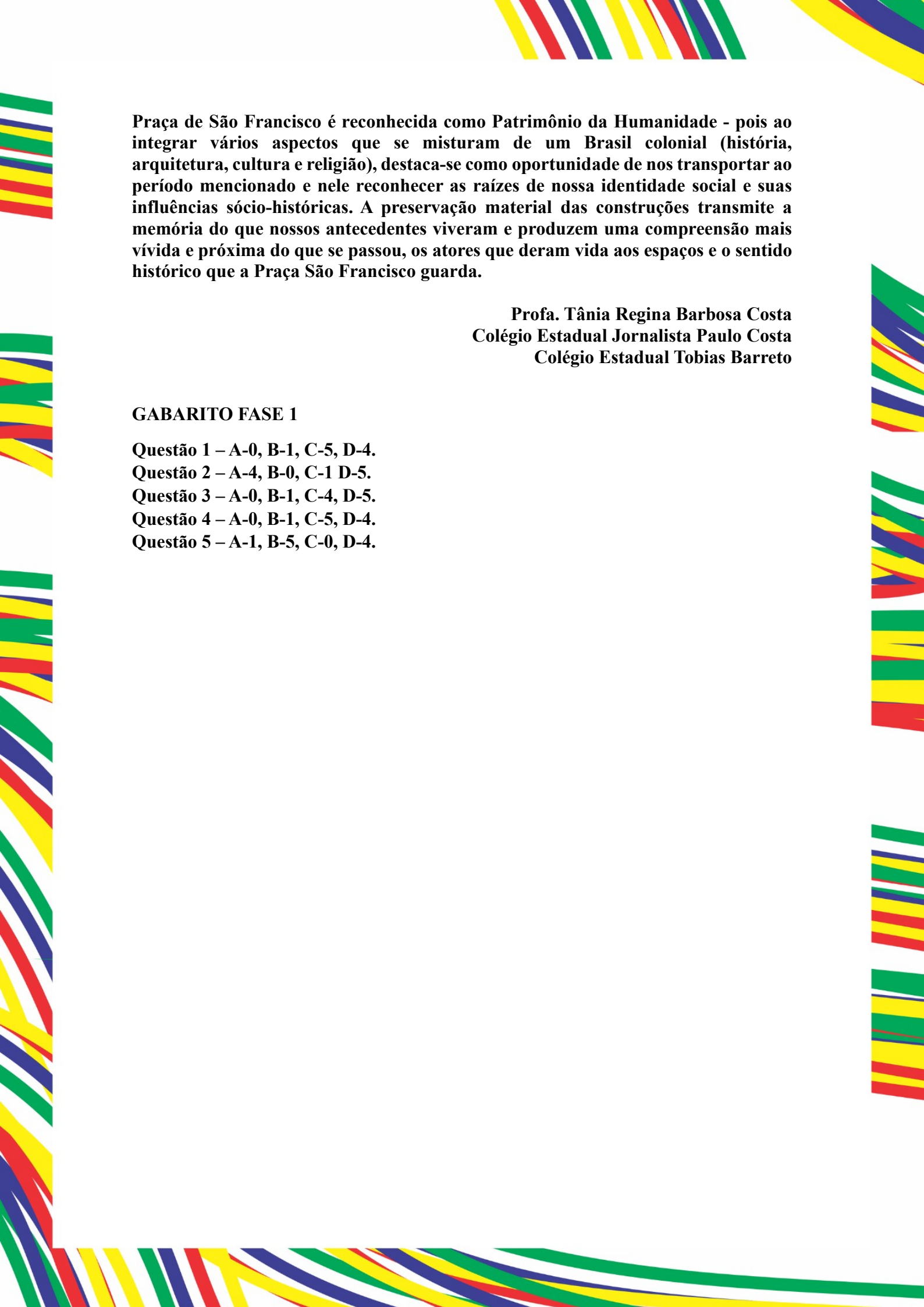
Créditos: IPHAN

O texto aponta

- a) A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1º de agosto de 2010 e foi condecorada com o selo oficial em 8 de julho de 2011.
- b) Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da cidade de São Cristóvão. Com mais de 400 anos de existência, evidencia a riqueza arquitetônica e histórica presente em seu espaço, contextualizando o processo de formação do estado de Sergipe.
- c) A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e heterogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil.
- d) Retrata as edificações prediais construídas durante a colonização do território brasileiro e a riqueza dos prédios públicos ocupados pelos povos europeus durante o processo de colonização da capitania de Sergipe d'El Rei.

Comentário da questão

Guardar, transmitir, preservar, ressignificar a nossa História é muito importante porque nos auxiliar a entender nosso presente e construir nosso futuro, daí a importância de reconhecer os nossos patrimônios históricos e culturais. A



Praça de São Francisco é reconhecida como Patrimônio da Humanidade - pois ao integrar vários aspectos que se misturam de um Brasil colonial (história, arquitetura, cultura e religião), destaca-se como oportunidade de nos transportar ao período mencionado e nele reconhecer as raízes de nossa identidade social e suas influências sócio-históricas. A preservação material das construções transmite a memória do que nossos antecedentes viveram e produzem uma compreensão mais vívida e próxima do que se passou, os atores que deram vida aos espaços e o sentido histórico que a Praça São Francisco guarda.

**Profa. Tânia Regina Barbosa Costa
Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa
Colégio Estadual Tobias Barreto**

GABARITO FASE 1

Questão 1 – A-0, B-1, C-5, D-4.

Questão 2 – A-4, B-0, C-1 D-5.

Questão 3 – A-0, B-1, C-4, D-5.

Questão 4 – A-0, B-1, C-5, D-4.

Questão 5 – A-1, B-5, C-0, D-4.